

## Uma máxima da mais alta crítica de Heinrich von Kleist<sup>1</sup>

**André Felipe Gonçalves Correia\***  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

### Apresentação

Bernd Heinrich Wilhelm von Kleist, nascido em 18 de outubro de 1777, foi um romancista, dramaturgo, poeta e contista alemão, que desde há muito figura no rol dos clássicos da literatura mundial. De modo geral, poderíamos concebê-lo como o último autor da primeira geração do romantismo alemão. Durante sua vida, entretanto, não logrou o devido reconhecimento, de modo que aos 34 anos, enfrentando severas dificuldades financeiras, planeia um suicídio coletivo, juntamente com sua amiga Henriette Vogel, então martirizada por um cancro. No dia 21 de novembro de 1811, Kleist consuma sua intenção, atirando primeiro em Henriette e em seguida em si mesmo, às margens do Wannsee, em Berlim.

Conhecido sobretudo pela sua produção literária, a exemplo da comédia *O Jarro Quebrado*, da tragédia *Pentesileia*, da novela *Michael Kohlhaas* e do conto *O Terremoto no Chile*, Kleist também foi um estudioso da filosofia de Kant, o que o encaminhou à produção de escritos de direcionamento filosófico, político e estético. O texto que apresentamos aqui ao leitor se insere no debate das questões estéticas. Sua primeira impressão se deu no dia 02 de janeiro de 1811, no jornal *Berliner Abendblätter*, publicado por Julius Eduard Hitzig e editado pelo próprio Kleist. O jornal teve uma curta existência: de 01 de outubro de 1810 a 30 de março de 1811. Nele foram publicados diversos textos do autor, incluindo o célebre *Sobre o teatro de marionetes*, bastante conhecido no Brasil. Quanto à presente edição, foi adotado o formato bilíngue: primeiramente o texto original em alemão e em seguida a sua tradução em português. O documento da edição alemã vale como citação, ou seja, apenas para fins acadêmicos e não comerciais, sem qualquer intenção de desprezar eventuais direitos da editora ou do editor.

---

1. KLEIST, Heinrich von. "Ein Satz aus der höheren Kritik". In: *Werke und Briefe in vier Bänden* [Band 3]. Hrsg. von Siegfried Streller. Berlin und Weimar, 1978, S. 482-483.

\*Doutorando em Filosofia (UFRJ). E-mail: felgorreias553@gmail.com.

Recebido em 28/04/2023  
Aprovado em 25/06/2023

## Ein Satz aus der höheren Kritik

An \*\*\*

Es gehört mehr Genie dazu, ein mittelmäßiges Kunstwerk zu würdigen, als ein vortreffliches. Schönheit und Wahrheit leuchten der menschlichen Natur in der allerersten Instanz ein; und so wie die erhabensten Sätze am leichtesten zu verstehen sind (nur das Minutiöse ist schwer zu begreifen): so gefällt das Schöne leicht; nur das Mangelhafte und Manierierte genießt sich mit Mühe. In einem trefflichen Kunstwerk ist das Schöne so rein enthalten, daß es jedem gesunden Auffassungsvermögen, als solchem, in die Sinne springt; im Mittelmäßigen hingegen ist es mit soviel Zufälligem oder wohl gar Widersprechenden vermischt, daß ein weit schärferes Urteil, eine zartere Empfindung, und eine geübtere und lebhaftere Imagination, kurz mehr Genie dazu gehört, um es davon zu säubern. Daher sind auch über vorzügliche Werke die Meinungen niemals geteilt (die Trennung, die die Leidenschaft hineinbringt, erwäge ich hier nicht); nur über solche, die es nicht ganz sind, streitet und zankt man sich. Wie rührend ist die Erfindung in manchem Gedicht: nur durch Sprache, Bilder und Wendungen so entstellt, daß man oft unfehlbares Sensorium haben muß, um es zu entdecken. Alles dies ist so wahr, daß der Gedanke zu unsern vollkommensten Kunstwerken (z.B. eines großen Teils der Shakespeareschen) bei der Lektüre schlechter, der Vergessenheit ganz übergebener Broschüren und Scharteken entstanden ist. Wer also Schiller und Goethe lobt, der gibt mir dadurch noch gar nicht, wie er glaubt, den Beweis eines vorzüglichen und außerordentlichen Schönheitssinnes; wer aber mit Gellert und Cronegk hie und da zufrieden ist, der läßt mich, wenn er nur sonst in einer Rede recht hat, vermuten, daß er Verstand und Empfindungen, und zwar beide in einem seltenen Grade besitzt.

## Uma máxima da mais alta crítica

A \*\*\*

É preciso mais gênio para apreciar uma obra de arte mediana do que uma excelente. Para a natureza humana, beleza e verdade fulguram em primeira instância; assim como são mais facilmente entendidas as frases mais sublimes (somente as minúcias são difíceis de apreender): de maneira que o belo agrada facilmente; somente o minguido e amaneirado se desfruta com esforço. Em uma obra de arte excelente, o belo está tão puramente encerrado que salta aos sentidos de toda capacidade de compreensão saudável enquanto tal; na mediana, em contrapartida, ele está misturado a tantos acasos, ou até, muito provavelmente, a contradições, que é preciso um juízo muito mais aguçado, um sentimento mais delicado e uma imaginação mais treinada e viva, em suma, mais gênio, para purificá-lo daquilo. Donde as opiniões acerca de obras exímias nunca serem divididas (não estou considerando aqui a separação que a paixão traz); só se discute e se briga por aquelas que não são completas. Quão comovente é a invenção em alguns poemas: tão distorcidos mediante linguagem, imagens e elocuições, que, com frequência, se tem de ter um aparato sensorial infalível para revelá-los. Tudo isso é tão verdadeiro que a ideia de nossas obras mais perfeitas (p. ex., uma grande parte das de Shakespeare) surgiu da leitura de brochuras e cartazes ruins consignados ao total esquecimento. Portanto, quem louva Schiller e Goethe ainda não me dá, tal como crê, a prova de um exímio e extraordinário senso de beleza; mas quem está satisfeito aqui e ali com Gellert e Cronegk, me deixa supor, se ele tiver razão ao menos em uma de mais falas, que possui entendimento e sentimentos, e ambos, aliás, em um grau raro.

## Bibliografia

KLEIST, Heinrich von. "Ein Satz aus der höheren Kritik". In: *Werke und Briefe in vier Bänden* [Band 3]. Hrsg. von Siegfried Streller. Berlin und Weimar, 1978, S. 482-483.